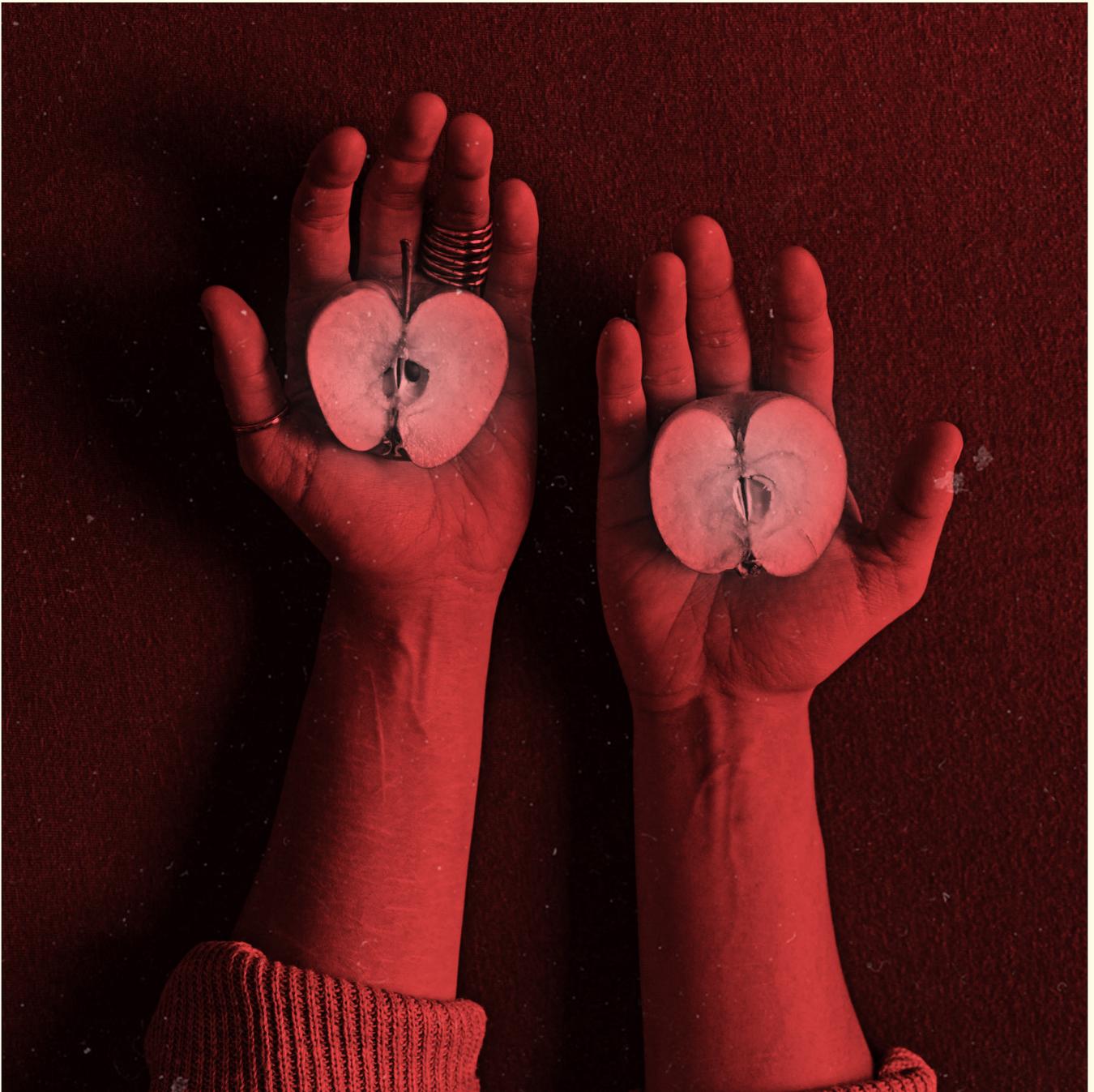




maçã
do amor



Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários

REVISTA MAÇÃ DO AMOR



Uma revista cheia de açúcar

CORAÇÕES PARTIDOS

MAIO DE 2023

SÃO PAULO-SP

A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

Carta da Editora

Querido leitor,

Não é segredo pra ninguém que aqui na Maçã do Amor adoramos romance. E sabemos que nossas edições já fizeram os leitores suspirarem, rirem e chorarem. Porque é isso que o amor faz: ele nos emociona.

Estamos sempre à procura das palavras certas e do momento ideal, também buscamos o ponto em que falhamos e tudo começou a desandar. Mas a verdade é que nem sempre somos correspondidos pela pessoa amada, ou então, conhecemos a pessoa certa, no momento errado.

“*Corações Partidos*” nos mostra um lado do amor que às vezes gostaríamos de esquecer que existe. Mas a gente só corre o risco de sair machucado quando temos algo muito valioso em jogo.

Talvez você se identifique com as próximas páginas, aconteceu conosco também. Mas lembre-se que algumas histórias precisam acabar para que outras possam começar e, depois que a dor passar, sempre pode existir a sorte de um novo amor.

Então, se sente em um lugar confortável — e talvez também queira reservar um chocolate ou sorvete para emergências — e boa leitura!

Tatiane Lucheis

#ClubeDosCoraçõesPartidos **7**

Meg Mendes

Descartes **17**

Felipe L. Cavalcante

Não Volte Para Mim **19**

Luísa Scheid

Entrevista com Meg Mendes **23**

Thais Rocha

A Queda do Império de Momo e Seu Amor **26**

Coral Daia

Um Fantasma na Chuva **39**

Lígia Gomes

Agudíssimo **43**

Marcia Pflieger

Um Último Primeiro Encontro **45**

Ana Farias Ferrari

Saudade **60**

Tatiane Lucheis



#ClubeDos- Corações- Partidos

AUTORIA MEG MENDES

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Meg Mendes é editora, escritora, antologista e contista. Autora dos livros "Novos Contos, Nada de Fadas!", "Devaneios Literários" e "Nada se quebra como um coração". Cursou Letras e fez cursos na área de Escrita Criativa e Literatura de Contos de Fadas. Participou, além de organizar, de diversas antologias. É membro da ABERST (Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror) desde julho de 2018. Cofundadora da Arkanus Editorial, Belladonna Editora e da Poison Books; atualmente é assistente e antologista na Cartola Editora. Vencedora do Prêmio Ecos da Literatura de 2022.

Dizem que quando se está no fundo do poço, o único caminho a seguir é para cima. Como uma fênix que ressurgue das cinzas, você chega ao fundo, chafurda um pouco na lama e volta mais forte que antes.

Eu, por outro lado, quando cheguei ao fundo do poço, comecei a cavar.

Eu sou o tipo de pessoa que acredita em amor, sempre achei que me casaria, construiria uma família e seria imensamente feliz e, por um momento, eu pensei que estivesse nesse caminho. Juro que pensei.

E quem me fez achar isso foi o Matheus, quando o conheci pareceu que estávamos em sintonia, que nos entendíamos e queríamos as mesmas coisas. *Claro que vocês sabem que eu estava enganado por causa da coisa do fundo do poço.* Mas, por um tempo, não parecia um engano.

Porém, é óbvio que as coisas tinham que mudar... Eu não queria que nada mudasse, só que às vezes é inevitável. Principalmente quando se trata de relacionamentos, não é? Matheus já não gostava mais dos nossos “programas de casal” e parecia sempre entediado, sempre descontente, por mais que eu tentasse entender e até me enganar (e essa é a pior coisa que podemos fazer, nos enganar) quanto ao motivo, preferindo acreditar que ele estava estressado por causa do trabalho, do dia a dia... nada parecia amenizar a situação.

E aí estava o fundo do poço: Matheus estava frio, entediado e descontente. Mas eu queria me agarrar à esperança — a maldita esperança que faz a gente esquecer a razão e ver apenas o que queremos — de que não seria este o nosso fim, que era só uma fase ruim que iríamos superar e seguir com o nosso (tá, com o *meu*) plano de sermos felizes juntos.

Então eu comecei a cavar, lembram? Em vez de aceitar o fim, eu procurei por uma data perfeita, escolhi um dia que tinha um significado especial para mim

e preparei um jantar romântico na minha casa. Desses de novela, sabe? Com *champagne* (que por sinal nem foi aberto), luzes apagadas, velas aromáticas e pétalas de rosas vermelhas espalhadas pela sala, levando o Matheus do hall de entrada até mim, parado em cima do tapete esperando por ele.

— O que é isso?

Ihh... ele parecia descontente!

— Achei que esta seria uma data especial... — Eu sorri, tentando mandar aquela vozinha que dizia que algo não ia bem se calar, e me ajoelhei.

Sim, isso mesmo... eu me ajoelhei.

— Quer casar comigo?

As palavras deslizaram para fora da minha boca com uma facilidade enorme. Eu tinha imaginado este momento várias vezes e, o mais importante, eu o tinha planejado nos *mínimos* detalhes.

— O quê? Dia especial?

Todo o discurso que eu tinha preparado se perdia, mais uma vez eu me obriguei a pensar que podia ser só o choque, a emoção ou sei lá o quê. Isso mesmo, eu estava me enganando, cavando mais fundo que o fundo do poço. Matheus se virou para a parede próxima e acendeu a luz cortando o clima romântico.

— Sim, eu pensei que, como é dia de São Valentim, seria um dia especial. — Eu já não tinha mais tanta certeza e me levantei um tanto tonto e desconcertado.

— São Valentim? Porra, estamos no *Brasil*, não tem nada importante no dia 14 de fevereiro.

— Ah, você sabe, como morei um tempo fora, acabei gostando desse dia...

— Não sabia ao certo o que mais dizer e apenas deixei a frase morrer entre nós num silêncio desconfortável que se estendeu até quando ele decidiu falar:

— Ju, eu marquei de vir aqui hoje porque preciso ser franco com nós dois. Eu não vejo um futuro para nós... Eu quero terminar!

E foi assim que o meu então namorado de 3 anos pegou toda a terra que eu cuidadosamente escavei do meu poço e me enterrou de vez!

Por mais que eu soubesse que as coisas não eram mais as mesmas, que sentisse que algo tinha mudado, ainda havia a esperança de tudo se resolver. Mas aquelas três palavras, “Eu quero terminar”, foram aos poucos matando minhas esperanças, meus sonhos, acabando com toda a ilusão na qual eu preferi viver a admitir que era o fim.

Daí em diante, confesso que não lembro muito bem o que aconteceu. Eu sei que eu chorei... tanto que adormeci sem nem mesmo perceber, sobre as pétalas de rosas no tapete da sala. Então eu descobri que acordar no dia seguinte e sentir toda a dor voltar de uma vez só era ainda pior.



— Ju... Julianoooo... Tá me ouvindo? — Dani, minha amiga, perguntou.

— Claro que eu tô. — Eu não estava.

Percebam que aqui já fazia um mês que meu ex-namorado tinha me soterrado no fundo do poço no qual eu ainda permanecia. E foi exatamente o que ela me disse:

— Cara, já faz *um mês*... UM MÊS! Você não acha que está na hora de superar?

— Como eu posso superar? Ele terminou comigo assim que pedi ele em casamento. Você sabe que casamento é uma coisa séria pra mim. Eu sempre desejei isso.

— É claro que eu sei! — Dani suspirou. — Mas não dá pra continuar assim...

Por sorte, ou não, ela não pôde continuar. Nosso supervisor olhava para nós com olhar reprovador, então ela seguiu com seus afazeres. E eu voltei minha atenção para a única coisa que me distraía nos últimos tempos: trabalhar. Sempre havia um momento de pausa no qual eu começava a pensar em como minha vida tinha chegado naquele ponto, mas naquele dia eu estava tão focado em meu trabalho que não vi que já era a hora do almoço.

— Vamos, bonitão... — Dani estava parada ao lado da minha mesa.

Tudo ao meu redor parecia muito mecânico, trabalhar, comer, viver... En-

quanto minha amiga falava sem parar ao meu lado, eu apenas ficava ali sentado levando uma garfada de comida até a boca, mastigando e depois engolindo.

Num momento eu peguei o celular e acabei me distraíndo. Meu dedo clicou nas notificações das redes sociais, mas não por muito tempo, então deslizou para o ícone da galeria do celular. Comecei a olhar as fotos, memórias que eu pensava que fossem felizes, que agora partiam meu coração de novo e de novo. Senti meus olhos arderem.

— Sério!? Eu não acredito nisso... — Eu não tinha percebido que Daniele tinha parado de falar do que quer que fosse e me olhava com preocupação e uma leve irritação. — Você ainda não apagou essas fotos todas?

— Eu não sei se consigo, são nossas memórias.

— Que te deixam triste, olha só, você tá quase chorando... *de novo!*

— Eu não posso simplesmente apagá-lo da minha vida, nós tivemos uma história.

— Você pode sim... É só apagar.

— Não dá!

— Olha, a decisão é sua, mas já tá na hora de seguir em frente, esquecer o Matheus. Só apaga ele de tudo... Você já excluiu ele das redes sociais?

— Ainda não.

— Cara, eu não sei o que fazer com você!

— Continuar me amando porque eu sou seu melhor amigo!? — Tentei sorrir para ela.

— Não... eu tenho vontade de te socar até entrar um pouco de juízo nessa sua cabeça dura. E eu não saio daqui enquanto você, pelo menos, não parar de seguir ele nas redes. — Ela cruzou os braços e fez sua melhor cara de desafio. — Eu tô esperando.

Eu a conhecia bem demais para saber que ela não me deixaria em paz. Se eu quisesse um pouco de sossego, eu tinha que fazer isso.

— Tá... você venceu! — falei enquanto ia excluindo Matheus de vez da minha vida.

Não posso dizer que foi fácil, mas era como se um peso fosse saindo de

mim, me permitindo respirar. Aproveitei e apaguei algumas de nossas fotos. Pelo canto do olho, eu podia ver o risinho vitorioso da minha amiga.

E, num impulso, postei em uma das minhas redes:

Ser largado após pedir uma pessoa em casamento é a pior coisa que pode acontecer. #ClubeDosCoraçõesPartidos 1 membro!

Deixei o celular de lado e inspirei fundo. Meus olhos ardiavam com as lágrimas não derramadas.

— Estou muito orgulhosa de você!

Eu sabia que isso era só o começo de uma longa jornada até eu me sentir melhor e feliz de novo, mas já era alguma coisa. Talvez, só talvez, essa fosse a forma de eu me desenterrar da lama e finalmente escalar, tijolo por tijolo, para fora do poço.

Durante aquela tarde, meu celular não parou de receber notificações. Sempre vibrando no meu bolso e me deixando assustado no primeiro momento. Será que alguma coisa grave tinha acontecido?

Peguei o aparelho e havia 15 notificações de reações e comentários na minha postagem. Eu não era popular, longe disso; então imaginei que tinham vazado fotos íntimas minhas, coisa que também era improvável. *Eu sou romântico, não sensual, lembram?* Comecei a ler:

Meu marido me trocou pela minha melhor amiga e madrinha de casamento. #ClubeDosCoraçõesPartidos mais um membro.

Fui abandonada grávida e descobri que eu era a outra e que o “bonito” tinha família e filhos. #ClubeDosCoraçõesPartidos 4 membros!

Eu sempre fui apaixonado pela minha melhor amiga e quando decidi me declarar ela me apresentou o namorado dela. #ClubeDosCoraçõesPartidos 11 membros!

Me apaixonei por um colega de trabalho, mas ele só estava me usando pra ganhar uma promoção. #ClubeDosCoraçõesPartidos 16 membros!

Por dois segundos, fiquei olhando incrédulo a tela do celular. E nesse meio tempo pipocaram mais duas notificações. Levantei da minha mesa de trabalho e fui até a da Dani.

— Amiga, olha isso! Eu fiz um *post* e agora tem um monte de gente reagindo e contando suas histórias.

— Claro, todo mundo já levou um pé na bunda!

— Você não! — Para ela era fácil. Dani tinha encontrado o amor de sua vida quando estávamos no ensino médio. Eles se casaram e já estão juntos há 10 anos.

— Eu sou especial. — Ela sorriu presunçosa.



Devo dizer que aquela postagem foi a melhor coisa que eu fiz, e que eu passei a não me sentir tão solitário em minha dor. Algumas pessoas tinham histórias bem tristes, desde encontrar o amor da vida e perdê-lo de forma trágica até casamentos falidos e opressivos. De alguma forma eu percebi que era normal ter o coração partido (mesmo que ainda doesse pra caramba).

Continuei recebendo vários comentários, mas um me chamou a atenção no meio de tantos relatos:

Pelo menos o seu te deu um pé antes do casamento. O meu ex me deixou na hora do sim no altar. #ClubeDosCoraçõesPartidos 33 membros

Então, por algum motivo, senti vontade de responder. Talvez fosse pela si-

milaridade de histórias, ou só porque casamento é importante pra mim.

Sim, nº 33, você ganhou de mim nesse quesito. Acho que eu morreria de vergonha.

Cliquei em enviar e sorri. De alguma forma, aquilo me deixou mais leve. Saber que eu não estava sozinho. Quando percebi, tinha passado de 200 comentários e tinha várias pessoas novas me seguindo.

Porém a maior surpresa foi a quantidade de mensagens privadas que recebi de pessoas querendo que aquilo se transformasse num grupo, onde podíamos conversar, nos apoiar e, quando desse vontade de cair na besteira de ligar pro ex, nos distrair dessa ideia insana. E no meio de tantas mensagens, havia uma do nº 33 dizendo que tínhamos muito em comum e talvez devêssemos tomar um café e chorar juntos.

E eu comecei a realmente cogitar a possibilidade de encontrá-lo.

— Chorar juntos, sei... Ele quer é te levar pra cama! — Dani falou assim que contei todo o ocorrido para ela no dia seguinte.

— Ahhhh... meu Deus, que pervertida. — Eu ri, como já não fazia há algum tempo, mesmo antes do Matheus terminar comigo.

— E quando vai ser esse encontro?

— Eu não falei que sim.

— Mas é claro que você vai! Nem que eu te arraste até lá. Você precisa ir e me contar todos os detalhes sórdidos.

E mais uma vez eu sabia que ela não me daria paz até que eu resolvesse encontrar o cara. Deixei alguns dias passarem, então resolvi concordar em tomar um café com ele. Era só isso, um café. Daniele parecia mais animada que eu para esse *momento histórico*, como ela chamou.

Confesso que eu estava nervoso — o que me fez trocar de roupa três vezes —, mesmo garantindo pra mim que era apenas pra fazer amizade. Não sei ao certo

se as pessoas se esquecem de como é conhecer gente nova, mas eu tinha a sensação de que não sabia mais como fazer isso. Estava parecendo uma criança sem saber se ele ia gostar de mim, ou se iria querer ser meu amigo. Parecia que eu tinha cinco anos, pelo amor de Deus!

Tínhamos trocado número de telefone e fotos (nada pervertido), e ele era um gato, lindíssimo. Meu nervosismo tinha até um certo motivo.

Varrri essa sensação para o fundo da minha mente e saí de casa. Marcamos de nos encontrar num café movimentado e bem gostoso. Eu estava um pouco adiantado, *em minha defesa, eu estava nervoso, tá!*, quando eu o vi.

Andando de mãos dadas com um outro cara e vindo na minha direção, sorrindo como se mil sóis morassem em seus lábios.

Como já dizia o poeta: “No meio do caminho tinha uma pedra”.

Matheus!

Afinal, o poço, lembram dele? Aquele mesmo que pelo visto gosta muito de mim, voltou.

Toda a dor me atingiu em cheio, meu peito apertou e as lágrimas vieram rápidas e quentes. “Ele já superou”, eu pensei. Era como se eu nunca tivesse existido para ele. Assim, eu fiz a coisa que qualquer pessoa sensata faria no meu lugar, corri de volta por onde eu tinha vindo e me escondi. Com as mãos trêmulas, agarrei meu celular no fundo do bolso da calça e digitei uma mensagem apressada para André, o n° 33:

Sinto muito, acho que ainda não estou pronto para isso. Eu lamento te dar um bolo, mas não sou boa companhia agora.

Fui para a casa da Daniele e quando ela abriu a porta, seu sorriso morreu.

— O que houve?

Então contei tudo para ela. Como eu estava contente e animado num minuto, e como tudo desabou em outro. Quando eu pensei que finalmente pudesse me

recuperar... Naquele momento eu só queria chorar, eu foi o que fiz.



Na manhã seguinte, acordei no quarto de hóspedes da minha amiga. Peguei meu celular para ver as horas e me deparei com muitas notificações. Uma delas sendo do André:

Eu não lembrava que levar bolo também era ruim pra caramba! Quem sabe eu acerte na próxima?

Um nó se formou em minha garganta e se tornou difícil respirar. Eu sabia como era ter o coração partido, mas não imaginei que eu poderia fazer o mesmo. Não era o que eu queria. Talvez eu tenha subestimado a força necessária para deixar o fundo do poço. Chorei novamente e então retornei ao estágio inicial.

Descartes

AUTORIA FELIPE L. CAVALCANTE

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Felipe L. Cavalcante, escritor e poeta de Manaus/AM, co-redator chefe do site de notícias de cultura pop Co-op Geeks, editor-assistente da Revista Égua Literária e membro dos podcasts As Baladas de Nárnia e Dossiê Snicket. Autor do conto "Lua, Sangue e Mel" na antologia Não Morre no Final de temática LGBTQIA+ e das antologias "Sinos Por Todo Lugar", "Os Ratos e outras Histórias", e "Noites Sem Fim".

Não me descartes
Assim tão fácil
Tal qual pedaço de plástico

Eu sei que tu és mais razão que emoção
Mas não me descartes
Não me jogues no rio
Não me abandone numa prateleira
Não me esqueça na parte de trás de tua mente
Não apague com borracha o meu traço
Não me deixe virar borrão

Não me descartes
Tudo o que te peço
Mesmo sendo obsoleto e inútil
Não me deixe apodrecendo em um lixão

Não me descartes
Tal qual o pedaço de plástico
Que descobri ser esse teu partido e derretido coração.

Não Volte Para Mim

AUTORIA LUÍSA SCHEID

EDIÇÃO TATIANE LUCHEIS

REVISÃO THAIS ROCHA



Típica capricorniana, Luísa é teimosa, astuta e tem toda a desconfiança que uma advogada paulista precisa. Adora música e tem uma playlist para qualquer situação. Apaixonada por línguas, adora a musicalidade do espanhol e os palavrões do alemão. Quando não está escrevendo, está brincando de atuar seus musicais favoritos.

Caro antigo amor que há tanto tempo foi embora,

Não posso negar a surpresa de ter lido seu nome como remetente no envelope que recebi há alguns dias, e até agora não acredito que escolhi meu melhor papel de carta para escrever uma resposta. Mas parece que aqui estamos, eu e uma caneta, criando e recriando frases e parágrafos, em uma tentativa de ajustar meus sentimentos e transmiti-los a você.

Já o fiz tantas vezes. Você ainda se lembra? Você ainda tem todas as cartas, todos os poemas, todos os contos que escrevi para você? Você guardou todos os verbos que conjuguei, todos os adjetivos que te dediquei? Tenho apenas rascunhos do que minhas palavras viraram, nunca o resultado final dos meus sentimentos. Todos eles ficaram com você. E agora, pensando neles novamente, parece que faz tanto tempo — e faz.

Tudo isso ficou em um passado ao qual não pertencemos mais. Tudo isso ficou preso em um presente que existiu apenas antes de você me deixar.

Você foi embora. Abandonou o barco enquanto eu me afogava. Correu para um lugar seguro sem se preocupar se eu sobreviveria. Você não apenas terminou comigo — você tirou todos os meus sonhos e jogou no lixo o mundo que tentei te dar.

Você manchou todas as minhas lembranças. Quebrou minha confiança, tirou de mim minha esperança. Apagou a luz do quarto e me deixou sozinha com minha claustrofobia.

Você decidiu por nós. Pensou que sabia o que era melhor. Você sempre sabia, não é? E por isso escolheu sem me perguntar, sem ao menos me avisar. Virou as costas e acabou... Acabou, pois assim era melhor para nós dois... Não era? Não foi o que você disse? Então, o que aquela carta estava fazendo na minha porta?

Foi você quem escolheu ir embora. Foi sua escolha tornar tudo tão difícil. Não fui eu quem decidiu nos jogar para o alto. Não... Foi você quem quis isso. E agora diz que quer voltar...?

Não posso voltar para onde estávamos. Isso seria injusto comigo, com tudo que passei depois que você foi embora. Fui eu quem foi abandonada, fui eu quem ficou com a dor. Como poderia confiar em você depois disso? Não consigo mais olhar para você e enxergar potencial. Como poderia ver?

Não acho que relacionamentos sejam para sempre. Não existe *felizes para sempre*. Mas relacionar-se com alguém pressupõe expectativa. Pressupõe querer chegar a algum lugar. Pressupõe querer e imaginar algo em conjunto. É isso que não vejo mais em você: um lugar para chegar. Um futuro para criar. Talvez eu nunca mais veja isso, porque não consigo acreditar que você não vai embora de novo. Que você não vai pisar no freio de novo.

Não é como se não tivéssemos dado certo. Por algum tempo, demos, até o fatídico dia em que você me virou as costas. Mas agora já não importa de verdade, pois no final a consequência é a mesma. Eu queria te amar, eu queria te cuidar, eu queria ver até onde poderíamos chegar, mas nunca tivemos chance.

Você não nos deu uma chance. Você não me deu uma chance. Como pode querer que agora eu te dê uma? Como ousa imaginar que pode simplesmente voltar?

A garota que escolheu não te esperar



Entrevista Com Meg Mendes

AUTORIA THAIS ROCHA

EDIÇÃO LUÍSA SCHEID

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Thais é geminiana com ascendente em aquário, o que é um desafio constante para sua lua em capricórnio, única responsável por mantê-la ancorada na terra. Adora ler e escrever coisas trevosas e tem uma história pronta para contar toda vez que perguntam por que odeia tanto Platão. Seu encontro perfeito envolve queijo, batata frita e conversas estimulantes sobre assuntos potencialmente inúteis.

Oi, leitores da Maçã!

Hoje temos o prazer de entrevistar uma verdadeira especialista em quebrar corações (ao menos literariamente): a maravilhosa autora Meg Mendes!

Seu mais recente lançamento, a coletânea “*Nada se quebra como um coração*”, foi lançado pela Cartola Editora na Bienal do Livro de São Paulo no ano passado e está recheado de histórias para nos deixar só um pouquinho despedaçadas.

Seja bem-vinda à Maçã, Meg!

MM: Olá, pessoal. É um prazer enorme compartilhar com vocês um pouco da minha trajetória. Bom, eu sou editora e escritora, trabalho com leitura sensível e diagramação. Tenho três livros publicados e vários contos espalhados por aí. Uma das coisas que eu mais amo são antologias, tanto participar, quanto or-

ganizar. Moro em São Paulo com duas gatas e com meu marido e sou apaixonada por cactos e girassóis. Nas horas vagas, leio muito (*mesmo trabalhando com isso, rs*) e assisto a séries.

MdA: O que te motivou a escolher os corações partidos como tema da coletânea?

MM: Em essência eu não sou escritora de romance, mas sou apaixonada pelo gênero enquanto leitora. Eu cresci lendo e assistindo a filmes de romance, sempre quis fazer algo no gênero, porém sentia que a *vibe* fofinha e felizes para sempre não era pra mim. Então veio o convite para escrever um conto de romance que não acabava bem e eu amei a experiência.

MdA: Na sua vida, você se considera mais uma quebradora de corações ou alguém que tem o coração partido?

MM: Acho que todo mundo, mesmo sem saber, já partiu algum coração. Eu

sou mais o tipo de pessoa que não sei se parti muitos corações, mas já tive a minha cota de decepções.

MdA: E na literatura? Qual o melhor jeito de partir um coração?

MM: Dando esperança pro povo (*hahahaha*). Brincadeiras à parte, as expectativas das personagens influenciam o quanto elas vão sofrer. Num dia você lhes dá um encontro mágico, sensação de borboletas no estômago, a espera daquela ligação... No outro, você lhes tira das nuvens e as faz aterrissar de forma dolorosa na terra. Num geral, as expectativas que nós criamos sobre

os outros não são tão reais, e ver a realidade da coisa, machuca.

MdA: Que obras você recomendaria para alguém tentando curar um coração partido?

MM: Eu amo comédias românticas, dessas bem fofas e engraçadas: *O diário de Bridget Jones*; *Qual o seu número?*; os livros da Carol Sabar, Carina Rissi, Marian Keyes, Sophie Kinsella; *O príncipe e a costureira*; *Freud, me tira dessa*; *Só gosto de cara errado*; *O que me disseram as flores*, de Alane Brito (*apesar de ser triste, rs*). A lista é longa!

Conheça mais da obra de Meg Mendes em suas redes sociais!

 megmendes.com

 [@meg_mendes](https://www.instagram.com/meg_mendes)

 [@meg_mendes](https://www.tiktok.com/@meg_mendes)

 [Meg Mendes](#)

A Queda do Império de Momo e Seu Amor

AUTORIA CORAL DAIA

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Coral Daia é capista, produtora editorial e escreve desde os 11 anos. É mestre em oceanografia biológica pela FURG e hoje faz pós-graduação em Design Editorial no NESPE. Publicou diversos contos e poesias em antologias, newsletters e revistas literárias, além de traduções do inglês para o português brasileiro. Também ilustra e cria histórias em quadrinhos.

Com a lua a pino, as estrelas piscando e as pessoas clamando em uníssono, a noite tinha com o calor da vitória. O exército da comandante Reiga havia conquistado mais uma importante área para a expansão do Império de Momo e a festa corria solta pelos salões do castelo. Muitas taças de vinho brindavam pelas mesas lotadas de carcaças de javali, galetos assados, maionese de batata, pão sovado e tiras de bacon — apenas o melhor para os guerreiros de Reiga.

Enquanto seu exército enchia o estômago, Reiga conversava com a imperatriz Momo. Quem as visse de longe estranharia o contraste: de um lado a maior guerreira do reino, com sua armadura de ferro polido, cabelos ruivos rentes às orelhas, cicatrizes pelo cenho e olhos acinzentados como os céus nublados em dia de chuva; do outro, uma figura franzina, mas sábia, elegante e pragmática, de cabelos prateados adornados com uma coroa de diamantes e pele tão negra quanto a lua nova. Uma era o dobro da outra, mas ambas se completavam.

Enquanto Momo ouvia atentamente todo o relatório de Reiga, ambas davam a mão por debaixo da toalha da mesa. Seus dedos entrelaçados simbolizavam o comprometimento com a vida uma da outra. Nada seria capaz de separá-las, pois uma defendia a outra, uma orientava a outra, uma resguardava a outra — o maior exemplo de amor que o Império já havia visto.

— Fomos atacados nas minas, Vossa Majestade — disse Reiga em meio ao relatório. — Os guerreiros derrubavam nossos soldados com um único golpe de espada, mas eram poucos e os vencemos com esforço e insistência

— Vou pedir que reforcem as armaduras de nosso exército — disse Momo para a sua assistente estrategista, que a tudo anotava. — Vencemos, mas não podemos parar. O Império precisa crescer.

— Com a vitória de hoje, teremos acesso a todo o metal que necessitarmos

para isso — completou Reiga com um meio sorriso no rosto. — Concentrar nossos esforços em garantir recursos foi muito sábio de sua parte, Vossa Majestade.

— Oh, muito obrigada. Sem minha Visão não teríamos conseguido metade disso.

— Você é muito modesta, isso sim — resmungou Reiga num tom afetuoso. — Ter Visões é diferente de tomar as decisões certas. Sem seu potencial estrategista, nosso Império estaria às míguas.

Momo meneou a cabeça, sentindo as bochechas esquentarem, e se levantou, um cálice de vinho nas mãos. Aos poucos, as pessoas percebiam seu movimento e calavam umas às outras. A conversa no salão findou-se então, ansiosa para ouvir o que a imperatriz tinha a dizer.

— Atenção, todos! — exclamou Momo, sua voz ecoava pelo silêncio que pairava no ar. — Hoje foi um dia de luta! Conquista! Vitória! Devemos comemorar, meu povo? — Alguns soldados novatos no exército ergueram suas taças no ar, mas a maioria aguardou fielmente pelas palavras da imperatriz. — Antes disso, devemos atender aos nossos feridos, reparar nossas armas e, principalmente, descansar. Nada se constrói apenas com luta, meu povo. Vitória se conquista com sangue, suor e muita dedicação. Aproveitem a festa e tenham uma boa noite de sono, pois amanhã teremos muito o que fazer. Bebam! Comam! Divirtam-se!

Em uníssono, guerreiros e amazonas levantaram suas taças com um grito de vitória. Vinho voou pelo salão, mas ninguém se importou, pois bebiam em demasia o álcool da comemoração. Momo se recostou novamente à cadeira no meio da mesa principal e voltou a beber da própria taça. Reiga admirava a energia que se espalhava pelo salão, mas seus olhos se voltaram apenas para a imperatriz.

— Um discurso muito inspirador, Vossa Majestade — disse ela aos suspiros.

O sorriso que Momo deu não durou muito, entretanto. Discretamente, ela apontou para os soldados que fizeram barulho antes, no começo de seu discurso.

— Está vendo aqueles mercenários? — disse ela baixinho enquanto cortava a carne em seu prato. — Eles foram contratados para se juntar à nossa retaguarda,

mas eu sei que estão mais preocupados em lucrar com as batalhas do que defender nosso Império. É preciso lembrá-los constantemente do seu propósito e incluí-los em nosso discurso. Se minhas palavras não os alcançarem, ou melhor, se minhas palavras não tocarem o coração dessas pessoas à nossa volta, estamos perdidas.

Reiga a observou intensamente, orgulhosa do posicionamento.

— Você é estrategista até nas pequenas coisas. Pergunto-me se também é assim no nosso romance.

— Ora essa, Reiga — Momo reclamou, apesar de sorrir de forma enigmática. — O que quer dizer com isso?

A comandante deu de ombros, estudando a taça de vinho pela metade na sua frente.

— Às vezes me pergunto se estar comigo é a melhor estratégia.

— Estar com você é o que me move todos os dias. Não pense que nosso romance é fruto de um plano superior, pois meu amor por você é genuíno.

Tímida na frente de todos, a comandante levantou a mão que segurava e depositou nela um beijo cálido. Momo sorriu, as bochechas quentes, os olhos brilhantes e o peito doendo de medo que aquele amor não durasse para sempre.

Em tempo, ambas se retiraram para o quarto imperial. Comemoraram a vitória com os corpos ardendo, latejando de desejo, entregando-se aos suspiros de uma noite bem vivida.

Enquanto Reiga roncava no quinto sono, Momo descansava como a conchinha menor. Sem um pingote de sono, admirava o céu noturno através da janela, a brisa fresca farfalhando as cortinas. Percebeu o próprio peito se apertando diante de uma sensação estranha que tanto conhecia: estava recebendo uma Visão dos deuses e precisava atendê-los mesmo no leito de amor.

Nua, Momo sentou na cama e levantou o rosto para os céus. Reiga estava tão profundamente adormecida, sedada pelo álcool e o cansaço, que nada percebeu. Os olhos de Momo ficaram brancos como se tomados pela catarata e ela avis-

tou o presente em outros lugares do reino. Sua visão era ilimitada no espaço, mas retinha-se a observar apenas o que estava acontecendo naquele mero instante.

As minas de minério que haviam sido conquistadas naquela mesma noite estavam sendo sabotadas. Momo viu explosivos usados para abrir buracos na rocha dura sendo acoplados em pontos frágeis dentro da mina. Por nunca ter visto antes as pessoas envolvidas na visão, Momo não conseguia reconhecer seus rostos — ao invés de olhos e nariz, tudo parecia um borrão assustador, uma única bocarra que falava e articulava como se fosse engolir tudo em volta. No começo do contato com os deuses, Momo tinha pesadelos recorrentes. Hoje, apesar de já estar acostumada com eles, ainda sentia um mal-estar na alma, pois tirar proveito do que via implicava em eventualmente matar pessoas, eliminar líderes e conquistar reinos.

Momo levou a mão ao rosto e apertou os olhos que ardiavam e lacrimejavam. Usou os lençóis para secar as lágrimas de sal que escorriam pelo rosto. A seu lado, Reiga murmurou em meio ao sono, então a cobriu com delicadeza e se levantou a caminho da sala do trono.

Os planos haviam mudado e ela tinha muito o que pensar.

Reiga entrou no cômodo bocejando. Estava cedo, mas Momo já estava plenamente acordada e vestida, absorta no mapa aberto à frente. Reiga contornou a grande tábua fossilizada usada como mesa e se inclinou para fisgar uma peça no tabuleiro, mas levou um tapa na mão com o galho de madeira usado para mover as miniaturas.

— Não ouse bagunçar o que passei a madrugada inteira fazendo — disse Momo.

Reiga riu-se deliciada e foi até atrás dela, observando o tabuleiro por cima de sua estatura mirrada.

— Você mudou muita coisa desde a última vez em que vi esse mapa — comentou.

— O cenário mudou — explicou a imperatriz. Ela moveu o graveto pelo ta-

buleiro, indicando as terras recém-conquistadas. — Há explosivos aqui, aqui e ali. Foram implantados durante a noite com o objetivo de nos prender dentro das minas.

— Salafrários! — exclamou Reiga. — Quando ficou sabendo disso?

Momo ajeitou as costas, segurando a haste de madeira com ambas as mãos.

— Tive uma Visão durante a noite. Já mandei mensageiros para nossos guardas à frente das minas. Eles deverão intimar os líderes locais e obrigá-los a inspecionar tudo. Teremos de tomar muito cuidado para não levantar suspeitas.

Reiga puxou uma cadeira para perto dela e se sentou.

— Quer que eu cuide pessoalmente disso?

— Não, eu preciso de você em outro lugar. Um corvo chegou durante a madrugada. — Momo tirou uma carta dobrada do colo e mostrou a ela. — Um de nossos correspondentes no sul pediu ajuda contra espões tentando se infiltrar nos nossos planos.

— Você também viu isso em suas visões?

— Sim, mas, independente disso, eu preciso que *você vá*. Não confio em mais ninguém e... — ela fez esforço para se levantar — ... suspeito que eles estejam tramando com os separatistas. Você é a pessoa perfeita para pôr ordem no lugar.

— Não sei se fico triste ou lisonjeada — resmungou Reiga lendo a carta. Dado o tamanho do Império, a viagem de ida levaria semanas. — Ficarei meses sem te ver.

— Minha querida. — Momo abraçou a comandante e ela a segurou pela cintura. — Você é a pessoa mais forte deste reino e eu, a mais sábia. Ninguém poderá fazer mal a nós duas, tenho certeza disso.

— E se eu estiver indo de encontro a uma armadilha?

— Oh, mas você está. E, sabendo disso, tem a vantagem. Leve tudo o que quiser consigo, não pouparei recursos para mantê-la segura.

— E se eu quiser que *você venha comigo*? — Reiga segurou uma das tranças da imperatriz contra os lábios e sorriu. — E se eu não conseguir me distanciar de você novamente?

Momo sorriu, indicando que a comandante a seguisse. Guiou-a para fora daquela sala, pelos corredores, até chegar num ateliê. Pilhas e pilhas de belas pinturas e cavaletes com obras inacabadas se espalhavam pelo cômodo. Momo a guiou pela sala até uma mesa inclinada onde a pessoa a desenhar podia fazê-lo sentada. A imperatriz vasculhou a pilha de papéis em cima da mesa em busca de um pequeno retrato. No pergaminho desenhado a carvão estavam Momo e Reiga, uma formalmente ao lado da outra.

Reiga tomou o rascunho nas mãos. De dentro de uma gaveta, Momo retirou um relicário.

— Mandei fazer nós duas juntas para que você pudesse me levar consigo nas suas batalhas — disse a imperatriz encaixando o desenho dentro do pingente redondo e cheio de detalhes esculpidos no ouro. Reiga se agachou e Momo prendeu o relicário atrás de seu pescoço. — Sempre que você usar essa corrente, eu poderei observá-la, não importa a que distância você estiver.

Reiga pegou em suas mãos e as beijou, levantando-se.

— E o que eu devo dar-lhe em troca, Vossa Majestade?

— A sua total devoção.

— Pois considere feito.

Reiga tocou em seu rosto e Momo fechou os olhos, deixando que ela a beijasse calidamente.

Anos antes, quando a imperatriz ainda não era nada senão uma princesa, Reiga prometeu a ela sua eterna proteção. Seria sua guarda-costas para toda a vida. Depois, quando Momo se tornou dona do Império, a comandante lhe prometeu sua total confiança, estaria ao seu lado a toda provação e nunca a trairia.

Entretanto, naquele momento em que se beijavam, um novo contrato fora assinado.

Momo gritou de dor. Seus olhos esbranquiçaram como se a íris tivesse desaparecido por completo. Caiu sentada com o queixo para cima enquanto o corpo se debatia na cadeira. Reiga segurou seus ombros, gritou seu nome, mas Momo

apenas gemia, tremendo da cabeça aos pés. Baba escorreu pela boca aberta, e Reiga saiu correndo do ateliê em busca de alguma curandeira, alguma maga, qualquer pessoa que pudesse socorrer seu grande amor.

Quando voltou trazendo todos que pudessem ajudar, encontrou Momo encolhida na cadeira, chorando copiosamente. Reiga a abraçou, encostando a cabeça dela em seu peito.

Por um breve instante, o relicário em seu pescoço reluziu.

Momo passou a manhã seguinte descansando na cama do quarto imperial. Almoçou ali mesmo enquanto se recuperava das terríveis Visões que tivera. Reiga passou a manhã a seu lado, mas Momo se recusava a contar o que vira. Manteve-se firme em seus planos: os guardas nas minas continuariam procurando pelos explosivos e Reiga deveria partir o mais rápido possível para a fronteira sul. Estava tão decidida que ajudou pessoalmente a comandante a fazer os preparativos para a viagem.

Reiga olhava sua dedicação com diversos graus de preocupação. Sabia que a Visão de sua amada fora a pior possível, mas ela não parecia mais abalada. Estava, certamente, cobrindo o próprio medo com a couraça que a liderança exigia. Reiga queria que ela parasse com aquilo e se abrisse para que pudesse ajudá-la, mas Momo se recusava. Tudo tinha que seguir seu plano — plano esse que Reiga desconhecia, pois ela mantinha segredo nisso também — e nada iria impedi-la, nem mesmo seu grande amor.

No final da tarde daquele dia, com o sol se deitando no horizonte, Reiga partiu. Momo a acompanhou até os muros que circundavam o castelo, recebeu um beijo na bochecha e observou brevemente a comandante e sua tropa irem embora. Não ficou de suspiros pela despedida, pois tinha muito o que fazer. Reiga viu a imperatriz se retirar, sentindo um pesar no peito. Concentrou-se na estrada e flanqueou seu cavalo. Quanto antes chegasse no sul, mais rápido voltaria.

Ou assim acreditava.

Reiga ficou meses no sul. Acabou descobrindo o plano dos separatistas a tempo de convencê-los a não atacar o Império. Durante a estadia na fronteira, Reiga foi ameaçada, envenenada e atacada pelas costas. Também perdeu a tropa que levava consigo, mas, apesar disso, ainda teve forças para matar traidores, firmar novas alianças, dissipar os separatistas e garantir a soberania do Império. Apenas alguém devoto à imperatriz seria capaz de fazer isso — não à toa, toda noite e também nos momentos de dúvida, Reiga recorria ao relicário. Observar sua amada naquele desenho lhe trazia forças para enfrentar qualquer provação que aparecesse à frente. Aguentava tudo, contando os dias para ter Momo novamente nos braços.

Entretanto, certa manhã, depois de ter enviado uma carta até a capital do Império avisando sobre o sucesso da missão, Reiga recebeu uma nova tarefa: viajar até o leste, comandar as tropas ali instaladas e conquistar aquela parte do continente. Ao dominar o litoral, teria controle sobre o comércio internacional, garantindo dinheiro para continuar a expansão do Império. O corvo que lhe entregou a carta era albino, indicando que as ordens eram mais do que especiais — eram absolutas.

Sem poder contestar, Reiga descontou sua frustração nos móveis, cravando a marca da saudade com sua espada. Depois, chamou seus novos aliados, organizou suas tropas aos milhares e marchou para o leste com um exército implacável, deixando o sul e os separatistas para trás.

A luta pelo litoral durou semanas. Certo dia, depois de as investidas com o exército avançarem pouco em sua missão, uma comitiva da capital do Império chegou para negociar com os comerciantes locais. Momo havia enviado suas melhores agentes, que, junto de Reiga, visitaram cada mercador, oferecendo mudanças profundas na política local.

Enquanto as agentes negociavam intensamente, prometendo e cedendo, a mente de Reiga divagava até a imperatriz. Sempre tinha o relicário entre os dedos. Uma das mulheres da comitiva lhe contou que Momo passava grande parte dos dias esquematizando a soberania do Império, chegando a ficar doente de tanto

trabalhar, pois não parava nem para descansar. Preocupada, Reiga cogitou voltar no meio da noite para a capital, mas um segundo corvo albino chegou, e ela se viu obrigada a obedecer.

A terceira missão de Reiga envolvia viajar pelo oceano, acompanhando os mercadores do litoral até os países vizinhos, onde faria alianças importantes para o Império. A capital enviou tesouros e promessas, os quais Reiga usou para convencer os líderes além-mar de que Momo não estava interessada em sobrepujá-los, mas, sim, em ajudá-los a expandir seus reinos para o interior do continente. A missão se estendeu e Reiga se viu obrigada a continuar ali, inteirando-se das políticas internacionais e garantindo que todos os exércitos cumprissem sua função de dominar e conquistar. Achava tudo aquilo um inferno. Por que Momo insistia em mantê-las separadas? Por que tantos corvos brancos a impediam de voltar para casa?

Depois de quase um ano e meio em outro continente, Reiga recebeu ordens para enfim atravessar o mar e dar suporte às tropas do norte. A produção das minas estava caindo, pequenos grupos faziam algazarra e alguém de confiança precisava colocar ordem na casa. Mas voltar ao castelo ainda estava fora de cogitação. Aos poucos, olhar para o relicário se tornou sinônimo de dor.

Nunca, em momento nenhum, Reiga pôde visitar Momo, pois estava ocupada demais obedecendo às ordens dela. Era quase como se a imperatriz quisesse sua distância. Reiga queimava de saudades, sentia que ia enlouquecer, então começou a se movimentar. Enviava representantes para as incumbências menos urgentes e elencava pessoas de confiança para, aos poucos, tomar seu lugar. Sabia que estava se distanciando de seus deveres sob a fachada de ser uma grande líder que delegava tarefas, mas precisava rever Momo em carne e osso ou enlouqueceria.

Viajou até a capital e esperou pela imperatriz. Momo precisara se ausentar para cuidar pessoalmente da guerra, visto que a fronteira a oeste questionava

seu poderio. Às suas costas, criados e aliados começaram a cochichar. Chegaram a questionar Reiga, perguntando a ela sobre o paradeiro de Momo e cogitando coisas absurdas diante a ausência dela. Sempre que podia, Reiga desconversava e se retirava, segurando o relicário com tanta força que os detalhes marcavam sua palma.

A verdade era que estava se tornando rancorosa. Sentia-se abandonada, largada, deixada para trás. Queria rever Momo a qualquer custo e faria de tudo para isso. Começou a enviar espões para o oeste, pessoas infiltradas que fariam com que a imperatriz voltasse mais cedo para casa. As fronteiras, antes tão obedientes, começaram a reagir. Corvos albinos apareciam todos os dias, mas Reiga os ignorava e mandava abatê-los à distância. Nunca chegava a ler as cartas, pois sabia que seriam mais ordens para se afastar de Momo.

Certa noite, mensageiros do castelo avistaram a comitiva da imperatriz no horizonte. Reiga foi a primeira a se movimentar: esperou pessoalmente nos muros que circundavam o castelo. Horas se passaram. Assim que ela chegou perto, percebeu que Momo estava chorando.

Descendo de seu cavalo, a imperatriz caiu no chão aos soluços, grossas lágrimas escorrendo pelo rosto. Reiga se aproximou pronta para aninhá-la em seus braços, mas Momo recusou. Empurrou-a para longe, chegou a estapeá-la no rosto quando insistiu por algum tipo de contato.

— Você não deveria estar aqui! — gritava ela, o choro escorrendo pelas bochechas. — Por que não obedeceu às minhas ordens? Por que não partiu quando eu mandei?

— Esse tempo todo eu esperei por você! — Reiga foi empurrada para trás e caiu no chão. Ficou de joelhos e se arrastou até Momo. — Eu fiz tudo o que você me pediu. Tudo o que eu mais queria era te ver!

— Sua tola! Você pôs tudo a perder!

— Eu não te vejo há meses e você está preocupada com o Império?!

— Estou preocupada com você, sua idiota — guinchou Momo. — Por que acha que eu te afastei de mim esse tempo todo? Você não sabe o perigo que está correndo...

Reiga abriu a boca para questionar, mas avistou soldados no horizonte. Dezenas, não, centenas de soldados, todos alinhados ao longe com bestas e arcos longos nas mãos.

— Do que você está falando? — Reiga ficou em pé. — O que está havendo? Guardas! Protejam a imperatriz!

Ainda caída no chão, a imperatriz continuou chorando. Ao invés de formarem uma barreira na frente das duas, os soldados da comitiva e do castelo se retiraram, saindo da zona de perigo.

— Nós fomos traídas — disse Momo com um fio de voz. — Eu vi a traição acontecer naquela noite em que te dei o relicário. Pela primeira vez, eu vi o futuro e tentei impedi-lo de todas as formas.

Reiga puxou a própria espada do cinto, pronta para defender sua amada.

— Eu fiz de tudo para evitar esse momento — continuou Momo abraçando a si mesma. — Enviei você para todos os cantos do Império, pois apenas a pessoa que eu mais confiasse conseguiria evitar nossa ruína. Mandeí você firmar acordo com os mineradores, os comerciantes e os líderes na fronteira, achando que sozinha conseguiria governar a capital. Mas foi eu botar os pés para fora dos muros que os traidores apareceram. Espiões começaram a me perseguir e, mesmo temendo por você, eu tentei adiar nosso reencontro de todas as formas possíveis.

Reiga, então, percebeu seu erro. Das suas dúvidas floresceu o pavor. Um medo paralisante como nunca sentira antes percorreu suas veias e estremeceu seus braços. Reiga largou a espada sem forças para continuar a empunhá-la e deu as costas para os arqueiros ao longe.

— O que exatamente você viu na sua visão?

Momo piscou, fazendo novas lágrimas escorrerem. No horizonte, as tropas armadas apontaram suas flechas para cima e atiraram.

— Eu vi você morrendo nos meus braços, tentando me proteger.

Reiga a abraçou a tempo de as primeiras flechas atravessarem os céus. Cada ponta de metal fincou em suas costas como agulhas perfurando uma boneca de

pano. Reiga gritou de dor e Momo segurou seu rosto com ambas as mãos.

— Oh, Reiga... — murmurava a imperatriz, os lábios tremendo. — Eu falhei em te proteger.

— Eu duvidei de você — confessou ela, beijando suas mãos. — Perdoe-me, meu amor. Perdoe-me...

Momo a abraçou e soluçou quando seus ombros pesaram, sem vida. As lágrimas a impediam de enxergar com clareza, mas sabia que a segunda saraivada de flechas já estava a caminho. Então, fechou os olhos e esperou pelo fim, rezando para que os deuses ao menos fossem gentis e permitissem que ambas vivessem juntas para sempre no pós-vida.

Um Fantasma Na Chuva

AUTORIA LIGIA GOMES

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Ligia Gomes nasceu em São Paulo e cresceu em meio aos prédios da capital paulista. A partir da literatura e das artes plásticas, gosta de explorar novos mundos e suas esquisitices.

Hoje nós nos cruzamos na rua. O céu estava azul mesmo com a garoa que caía desde que amanheceu. Algumas nuvens estavam carregadas, mas elas se recusavam a castigar a nossa cidade. Você andava devagar, a cabeça protegida pela capa de chuva. Vi quando estendeu a mão para sentir as gotas finas que caíam do céu. Você sempre amou a chuva, mais pelo fato de a umidade melhorar sua rinite do que outra coisa.

Quando passou ao meu lado, você sorriu, o mesmo gesto reservado para a moça da cafeteria que você não decorou o nome, mesmo depois de todo esse tempo. Você sorriu sem saber quem eu era. Será que me achou bonita? Eu gosto de pensar que sim. Gosto de pensar que você estava apressado também, porque não se demorou quando nos cruzamos. Mas que diferença faz? Nós não nos conhecemos mais e a culpa é minha. Eu sei que, se você pudesse se lembrar de mim, diria a mesma coisa, porque é a verdade. Eu escolhi nos esquecer. E te convenci a nos esquecer. Mas o procedimento deu errado para mim e ainda me lembro de *tudo*.

Aquele dia, quando caminhamos juntos até o laboratório, você tentou me convencer a não seguir com o procedimento. “Por favor”, você disse, “não precisa ser assim. Não foi de tudo ruim, foi?”. Mas é exatamente o bom, o ótimo, que me dói tanto. A noção de que nós poderíamos ter sido tudo um para o outro — e até certo ponto nós éramos mesmo. Mas eu quebrei, alguma coisa em mim rachou tão profundamente que o seu afeto me fazia chorar. Eu ouvi quem eu não deveria, admito, e me deixei levar pelos meus medos em vez de abraçar os seus.

Mas você poderia ter corrido dali, gritado comigo em vez de sentar ao meu lado na sala de espera. O que você esperava que eu pensasse? Quando você tentou pegar a minha mão, me afastei. Até sentei em uma outra cadeira, longe, mas ainda de frente. Eu só posso pensar que você decidiu se esquecer de mim também.

Logo que acordei, a enfermeira me disse que não foram capazes de tirar você de mim. Me vesti sozinha rapidamente. Queria te ver, mas você já tinha voltado para casa. A nossa casa, agora só sua, sem nenhum dos meus pertences. Sem meus cadernos e sem meus cremes. No banheiro, só seu xampu neutro e, na sala, um toca-discos quebrado.

Os médicos não sabem explicar o motivo do procedimento funcionar ou não. São raras as vezes que não funciona: tantos querem esquecer, e eu tinha certeza de que era uma delas. Não falei com você na rua porque é injusto eu querer ainda mais de você depois de tudo.

Me lembro do dia em que sua mãe morreu e você se escorou em mim, se recusando a chorar. Fico pensando o que você lembra agora. Quem estava do seu lado quando ela morreu? Será que eu virei uma cadeira? Uma parede desbotada? Quando ela foi enterrada e eu apertei a sua mão, você pensa nisso? Relembra a pressão da minha mão trêmula na sua como um membro fantasma? É isso o que eu sou agora? Um fantasma?

Não, não sou nenhum fantasma. Se fosse, eu ainda faria parte da sua vida.



Agudíssimo

AUTORIA MARCIA PFLEGER

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Márcia Pflieger é escritora e jornalista. Tem poemas e contos publicados em revistas de arte e literatura do Brasil e do exterior. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2021, na categoria Poesia. Integra a coletânea nacional "As Mulheres Poetas na Literatura", da Arribaça Editora. Publicou os livros "Caneca de Café com Versos" (Editora 7Letras) e "Camélias Afônicas" (ebook pela Editora Marianas).

inútil consultar o tarô
ou o dentista

sempre haverá esta pinça
no riso

um Louco diante do abismo
uma broca estridente
reverberando você distante

você além do alcance
do Google maps

você entre carnes e arcanos
o celular sem conexão
enquanto a dor fica intolerável

enquanto seguro suas fotos
de encontro ao coração
como eletrodos
enquanto sinto que me arrancam os nervos
todos

Um Último Primeiro Encontro

AUTORIA ANA FARIAS FERRARI

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Ana consome romances no café da manhã, de preferência com três colheres de açúcar, e se pudesse viveria em um musical porque cantar sobre seus sentimentos faz tudo ficar melhor. Amante dos clichês, seu encontro perfeito envolve sorvete e o fim de uma tarde de verão.

Algum momento antes do início

Sairv, seção 42

— A verdade verdadeira é que ninguém gosta de buracos de minhoca, mas fica bem no currículo, então todo mundo tenta pelo menos uma vez. — Aurélio escutou um rapaz que não conhecia dizer assim que se juntou à mesa dos amigos no bar.

Era o fim de tarde de uma sexta-feira e ele tinha sido convencido a se juntar aos colegas após uma semana de provas estressantes, mas tinha se atrasado por ter parado na biblioteca.

— Ninguém “tenta” buracos de minhoca. — Uma garota do outro lado da mesa revirou os olhos. — É inevitável topar com um quando se estuda anomalias temporais, faz parte do trabalho, é isso.

— Diz isso pro professor Kiev. — Um garoto que ele reconheceu da sua aula de cálculo avançado cutucou, e a mesa toda riu.

— É igual encontrar pessoas de linhas temporais diferentes — a menina continuou. — Ninguém sai por aí procurando pessoas de outras linhas, mas é difícil de evitar quando seu trabalho é viajar pelo tempo...

— Sinceramente, acho que a mídia romantiza demais essa ideia de viajantes no tempo de linhas diferentes se apaixonando e vivendo um romance dramático... — Um dos amigos de Aurélio comentou e ele concordou com a cabeça, sua mãe mesmo amava ler romances com essa temática, e assim que Aurélio informou sua decisão de se inscrever no curso de Correções Temporais ela soltou um gritinho de animação.

Sua escolha, é claro, não tinha nenhuma ligação com a ideia de romance. Ele sempre foi fascinado pela ideia de viajar no tempo e ajudar o universo a encontrar o equilíbrio necessário para seu funcionamento, romance estava longe de seus planos.

— Dizem que foi isso que aconteceu com o doutor Vidal. — A garota sentada à sua frente falou em tom de quem sabe mais. — Ele se apaixonou por alguém de uma linha temporal oposta, a cada encontro a outra pessoa sabia menos sobre ele, até o momento em que ela não o reconheceu mais e ele soube que era a última vez que a veria.

— Deve ser horrível — sua amiga sentada do seu outro lado falou. — Você tem que passar o tempo todo tomando cuidado com o que diz para não acabar revelando o futuro da outra pessoa, ao mesmo tempo que sabe que a outra pessoa te conhece mais do que você mesmo.

— Não sei como alguém consegue lidar com esse tipo de dor — outro rapaz comentou, balançando a cabeça e por alguns instantes todos ficaram em silêncio.

— Deve ser por isso que é tão ranzinza — alguém falou quebrando a tensão, da forma como apenas quando se é jovem e inexperiente se é capaz de fazer, a mesa toda caiu em risadas.

Algum momento no meio

Lauron, seção 5A

Célia estava atrasada, o que, por mais irônico que pudesse parecer, era comum para viajantes no tempo. Pontualidade se torna relativo quando passado e futuro são tão presentes em sua vida. Aurélio sabia disso, e por isso configurava seu despertador pelo menos em três zonas temporais diferentes.

Tamborilou o dedo na mesa e olhou para a janela mais uma vez. Lauron era um planeta agradável, ele achava. A atmosfera permitia que corpos humanoides respirassem com facilidade, mas sua familiaridade com o planeta Terra acabava aí.

Além da geografia própria e do céu rosado — que não se assemelhava em nada ao planeta azul —, os dias duravam um terço do tempo terrestre, enquanto a noite se prolongava o equivalente a três dias. Era por isso que estavam ali; nada melhor para um encontro do que a sensação de que a noite não tem fim.

— Não começou sem mim, começou? — A voz familiar o tirou de seus devaneios a tempo de ver a mulher ocupar o lugar à sua frente.

— Alguma vez eu comecei? — A pergunta a fez abrir um sorriso nos lábios delicados, tão familiares e ao mesmo tempo sempre diferentes, tingidos de carmim.

— Spoilers — ela respondeu, fazendo-o sorrir também.

Como sempre, aquele parecia mais um primeiro encontro do que qualquer coisa. Não importava que Aurélio estivesse investido naquele relacionamento havia doze anos, muito menos que, apesar de terem estabelecido que seria um relacionamento aberto, ele não tivesse se interessado por qualquer outra pessoa havia anos. Todo encontro com Célia tinha essa característica particular que, em teoria, deveria afastá-lo, afinal um relacionamento com alguém de uma linha temporal oposta à sua estava fadado a diversos encontros incertos e um coração partido ao final, mas saber que cada instante entre eles seria único só o fazia querer mais.

— Como vai o trabalho? — Era uma pergunta segura, e por isso era por onde eles sempre começavam. Trazia contexto para ambos e evitava que caíssem na armadilha de falar demais sobre o futuro um do outro.

— Presa em recuperação de itens atemporais, sinceramente, mal posso esperar para finalmente conseguir fazer algo mais relevante. — Ela revirou os olhos enquanto ele fazia a matemática na cabeça. Sabia, por encontros anteriores, que demoraria pelo menos mais três anos até o caso que geraria a repercussão necessária para Célia conseguir a promoção que queria. — E você?

Sua voz parecia mais suave, sem dúvida um reflexo da falta de responsabilidades que ainda iria receber, algo que também se refletia em seus ombros, mais leves e sem todo o peso do mundo. Os cabelos estavam mais longos, os cachos

vermelhos alcançando até os ombros, e Aurélio se pegou imaginando qual seria o perfume deles dessa vez.

— Acabei de lidar com uma bagunça de uma criança que estava querendo ajudar os pais por causa de um marco temporal fixo — relatou, sem conseguir conter um sorriso sincero.

Marcos temporais fixos eram sempre tópicos delicados; não se podia evitá-los, por mais bagunça que causassem por isso geravam tanta reclamação entre seus colegas. Aurélio tinha certa afeição por eles, sentia como se fossem uma pequena amostra de que às vezes algumas situações eram inevitáveis de fato, e essa lembrança, no meio do caos que era ser um viajante no tempo, lhe trazia conforto.

— Final feliz? — Ela tomou um gole de sua bebida, parecia estar analisando sua expressão, talvez percebendo as mudanças em sua aparência. Aurélio se controlou para não tentar imaginar quais seriam elas.

— Dessa vez, sim. — Mais uma vez soube que não escondia seu alívio com o caso em sua expressão e Célia sorriu satisfeita.

Jantaram juntos e a conversa seguiu pelos assuntos seguros de sempre: perguntas vagas e abertas de forma que nenhum dos dois se comprometesse com informações do futuro do outro. Deveria ser cansativo, e Aurélio já tinha escutado de mais de um amigo que não conseguiria se relacionar com alguém que fosse de uma linha temporal diretamente oposta a sua, onde seu começo era o final do outro, exatamente por esse motivo. Aurélio concordava, não era fácil, mas Célia fazia tudo valer a pena.

O terceiro sol se pôs e o céu rosado tomou o tom de um roxo escuro, com estrelas que talvez com um pouco mais de atenção ele conseguiria reconhecer, mas agora as mãos de Célia estavam entre as suas, e a areia fina tomava seus pés a cada passo. Aurélio tinha tempo de sobra com as estrelas para desperdiçar qualquer segundo ao lado da mulher que amava.

Algum momento no início

Dellaroide, seção 28B

— Aurélio, a gente precisa ir embora. — A voz computadorizada repetiu pela terceira vez em seu comunicador.

“Não, jura?”. Uma multidão furiosa corria atrás dele, e à frente só havia um penhasco, ele *obviamente* precisava ir embora dali.

Seria mais fácil se o responsável por conter a multidão tivesse feito seu trabalho. Lon era apenas um novato e provavelmente tinha se distraído com uma borboleta brilhante. Aurélio teria que conversar com ele depois, e já odiava a tarefa mais do que fugir de uma multidão furiosa.

A missão tinha começado bem, a fissura temporal não tinha causado tantos estragos ainda e precisaria apenas de uma pequena manutenção, que ele com certeza conseguiria fazer em cinco minutos e de olhos fechados. Isso é, se a fissura não estivesse localizada dentro do quarto da rainha.

Mais uma vez, tudo teria dado certo se o responsável pela sincronização temporal tivesse feito seu trabalho, e Aurélio não queria continuar culpando os outros pelos seus problemas, mas ele iria exigir que os estagiários estivessem sob uma supervisão mais rígida. A única reação de Diona tinha sido um “Oops, mal aí” quando Aurélio reportou as consequências do erro escondido debaixo da cama real.

A multidão diminuiu o passo quando ficou claro que ele corria em direção ao penhasco, ele gostaria de poder respirar aliviado, mas bem... Ainda tinha que lidar com a questão do penhasco.

O reflexo de algo vermelho se movendo por entre as folhagens chamou sua atenção. Ele deveria estar olhando para frente, calculando o quão rápido conseguiria acionar o dispositivo que o levaria de volta para a estação geral e se conseguiria evitar virar uma panqueca no fundo do mar, mas não conseguia conter a curiosidade e o “mas e se...” responsável pelo frio no estômago. Talvez fosse tão idiota quanto os estagiários.

Lá estava de novo, o movimento sobre as árvores e o reflexo de fios vermelhos sob o sol, e dessa vez ele teve certeza de que não estava errado. Havia árvores cercando o caminho que ele e a multidão seguiam, já era tarde demais para ele tentar se esconder ou subir e esperar que ninguém fosse vir atrás, mas ninguém parecia ter reparado na pessoa que já estava saltando de galho em galho com uma destreza invejável. Ela parou na última árvore antes do vazio à frente e então olhou para trás.

Talvez Aurélio não devesse confiar em alguém que ele tinha visto meia dúzia de vezes, por mais encantadora que todas essas vezes tivessem sido, mas Célia era inevitável e ele não lutaria contra o sentimento que lhe tomava o corpo e a alma toda vez que pensava na viajante do tempo. Existiam coisas mais absurdas no universo do que seu sexto sentido lhe dizendo que poderia confiar seu corpo e alma a Célia.

Ele saltou para a imensidão com mais segurança que qualquer pessoa deveria ter, e então sentiu a corda o apertar na cintura. A surpresa da tecnologia capaz de sustentar seu corpo em meio à queda durou cinco segundos, e então ele foi de encontro com a parede, tremendo com o impacto. Poderia ter sido pior, poderia ter sido o choque contra as pedras pontiagudas no fundo do mar, poderia ter sido uma das lanças que os soldados carregavam passando pelo coração, mas não quer dizer que tenha sido agradável, ele teria hematomas por semanas.

Demorou alguns minutos para a multidão alcançar a beirada e, então, se convencer de que o ladrão, que eles acreditavam ter ameaçado a vida de sua rainha, tinha se tornado comida de peixe. Aurélio aproveitou o tempo para retomar o fôlego e o pouco controle que tinha sobre a situação. Quando a barra estava limpa, sentiu o cordão em sua cintura puxar e começou a escalar.

— Belo salto — ela disse, os olhos percorrendo seu corpo de forma ansiosa, traindo a falsa tranquilidade em sua voz.

— Bela mira — ele disse de volta, e o sentimento que lhe tomou foi ainda mais forte do que o de se jogar de um penhasco.

Célia vestia calça jeans e camiseta branca, mesmo uniforme dos últimos encontros, e ainda assim lhe tirava o fôlego.

— O que você faz aqui? — Era uma pergunta vaga; ele tinha aprendido que somente assim era possível conversar com a mulher à sua frente.

— Estava passando, reconheci sua assinatura temporal, pensei em te convidar para um café, mas achei que te ajudar a evitar uma morte prematura seria uma ideia melhor. — Ela deu de ombros, mas se aproximou quase que inconscientemente.

— Quanta gentileza — disse com um sorriso que esperava que a tranquilizasse.

— Sou muito gentil. — Ela sorriu de volta e Aurélio sentiu seu estômago fazer uma pirueta.

— O que você acha desse café agora? Talvez em outro lugar? — sugeriu, passando a mão pela testa para aliviar do suor que ainda escorria.

Ele adoraria um banho e sua cama, mas já tinha aprendido que encontros com Célia eram mais preciosos que qualquer outro limite delimitado de tempo; poderia descansar depois, quando não tivesse o ser mais fascinante do universo a sua frente.

— Outro lugar parece uma ótima ideia.

Aurélio lhe estendeu a mão e deixou que Célia escolhesse o destino, decidindo no último momento mandar os arquivos sobre o caso para a estação geral. Os estagiários poderiam lidar com a burocracia do caso sozinhos por um tempo.

Algum momento, no meio

Ptorex, seção 85U

— Se você pudesse escolher, faria com que estivéssemos na mesma linha temporal? — Aurélio perguntou enquanto corria os dedos pelos cachos ruivos.

Célia ficou em silêncio. Estava mais quieta, reservada, do que as últimas vezes, e Aurélio sabia que era reflexo dos novos desafios no trabalho. Tinha escutado sobre eles pela primeira vez quando eram apenas histórias antigas de guerra, mas a versão que ela lhe contara dessa vez ainda carregava inseguranças e pesares que

demorariam muito para se resignificarem.

— Seria o mesmo se um de nós mudasse? — respondeu por fim.

— Provavelmente não.

Era uma pergunta hipotética, é claro, não havia ainda nenhuma tecnologia desenvolvida ou estudo teórico que dissesse que mudança de linha temporal era possível. Independentemente dos saltos temporais, sua linha individual ia para frente ou para trás, se você decidisse se relacionar com alguém de uma linha oposta, a responsabilidade era sua.

— Você acha que o que nos faz ser especial é sabermos que não temos futuro?

Ele precisou de tempo para pensar, e Célia não o pressionou, suas mãos acariciavam seu peito e ele só podia torcer para que seu cérebro computasse todas as nuances de seus toques para que ele não as esquecesse.

— Acho que o que nos faz ser especial é o presente, cada encontro, cada oportunidade que fazemos valer a pena — ele disse por fim, buscando os olhos castanhos para poder demonstrar o quanto sentia que aquilo era verdade.

Ela sorriu e esticou o pescoço, lhe oferecendo os lábios, Aurélio não hesitou em encontrá-la no meio do caminho.

Tinham combinado de não dizer, de nunca colocar em palavras seus sentimentos, pois não seria justo. Isso não significava que Aurélio não as sentisse escritas em cada pedaço de seu ser.

Eu te amo, eu te amo, eu te amo.

Algum momento, no fim

Coraxc, seção 13T

Ele tirou o envelope do fundo da gaveta.

O papel estava mais amarelado do que Aurélio se lembrava, provavelmente porque evitava olhá-lo a qualquer custo, sabendo o que ele continha. Se contasse o

tempo em anos terrestres, diria que já fazia trinta anos desde que tinha recebido o envelope com ordens específicas de quando ele poderia ser aberto — “leia apenas quando eu não souber seu nome” ela havia dito —, mas um dos poréns de ser um viajante no tempo é que sua vida não tinha mais como ser contada de forma linear, não com tantas idas e voltas, com os reflexos temporais em suas células e os impactos disso em sua aparência e experiência de vida. Em anos terrestres, Aurélio deveria ter só cinquenta e cinco anos, mas em sua realidade, se aproximava dos cento e trinta.

Achou que saberia o que fazer naquele momento, que estava preparado para as palavras que o aguardavam, mas como estaria? Mesmo que todos os encontros o levassem para mais perto desse momento, Aurélio tinha ansiado por cada um deles da mesma forma. Talvez de forma infantil, imaginava que o universo lhe daria uma chance de nunca precisar lidar com o fim, que eles teriam incontáveis encontros, eternos momentos e nenhum final em vista. Tinha sido ingenuidade, é claro — ou talvez algo mais bonito, esperança, quem sabe —, mas o resultado foi o mesmo: ele despreparado com um envelope em mãos.

Estava sozinho em casa. Tinha a construído com cuidado e dedicação, algo que poucos viajantes no tempo se preocupavam, mas que ele sabia que seria necessário eventualmente. Um ponto fixo no universo, que fosse sempre dele. Um lugar para onde voltar e que reconhecesse todos os detalhes quando o universo inteiro parecesse irreconhecível a seus olhos. Não era um lar. Nunca seria um lar, pois esse conforto só lhe era oferecido por uma pessoa.

Célia nunca tinha pisado em sua casa, não era assim que eles funcionavam. Havia regras não ditas que implicavam em não mancharem ainda mais a linha temporal um do outro de formas irreversíveis. Isso significava não conhecer familiares, não frequentar lugares pessoais e não dizer... *nunca* dizer em palavras aquilo que transmitiam com seus olhares, beijos e carícias.

Era tortura, mas agora ele era grato pela casa não estar contaminada por um amor obrigado a acabar quando, dentro dele, havia espaço para tanto mais.

Respirou fundo e encarou o envelope mais uma vez. Sabia que era o mo-

mento certo, pois nem vinte e quatro horas antes tinha encontrado olhos castanhos curiosos e confusos o olhando pela primeira vez. Não podia dizer que não imaginava que estava perto desse momento, os últimos encontros foram tão cheios de apreensão e inseguranças, algo que fazia anos que não sentia com a mulher em seus braços, que era impossível se enganar de que teriam muito mais tempo. Célia sempre foi confiante e sabia exatamente como lidar com ele, e agora ele sabia exatamente como havia chegado a esse ponto, ele mesmo a havia ensinado como.

Os últimos beijos lhe lembraram dos primeiros. Um misto de reconhecimento com surpresa que lhe tirou o fôlego junto com ela. E apesar da forma como seu coração se contorcia em seu peito com o significado que eles carregavam, Aurélio não pôde evitar se sentir o homem mais sortudo do universo, porque qualquer nova experiência ao lado de Célia era um privilégio.

Sempre tiveram todo o tempo do mundo e agora não tinham mais nada.

Respirou fundo, abriu o lacre e teve seu mundo inteiro destruído.

Palavra por palavra, tudo aquilo que nunca disseram, que ele nunca disse apesar de sentir em todo seu ser, lhe levando para o fim que ele sempre soube que chegaria. Célia estava certa — como sempre. Naquele pequeno pedaço de papel, ele reencontrou a mulher que o decifrava com um olhar e lhe conhecia como a palma de sua mão.

Então, por ela, e todas as outras versões dela por quem ele tinha se apaixonado, Aurélio pegou uma folha de papel em branco e uma caneta, e escreveu sua própria carta.

Algum momento, em outro começo

Sairv, seção 42

Célia tinha certeza que não deveria se sentir tão atraída por alguém que ela nunca tinha visto antes na vida, mas todas as vezes que os olhos azuis encontravam os seus era como se uma descarga elétrica passasse por seu corpo, sem ela saber explicar por quê. Era como se o homem soubesse de alguma coisa, alguma coisa *importante* sobre ela e a deixava sem saber como se sentia a respeito.

Não lembrava de como ele se chamava, tinham se apresentado brevemente no dia anterior durante o seminário introdutório, mas ela tinha se distraído demais com a intensidade em sua troca de olhares para gravar mais do que a sensação de sua mão sendo envolta pela dele. Para sua sorte, em algum momento ele conduziria sua própria apresentação e dessa vez ela se asseguraria de registrar seu nome.

Era sua primeira vez em um Congresso Temporal, seus colegas estavam empolgados com novidades tecnológicas do campo, mas Célia queria absorver todos os relatos pessoais que conseguisse, seu sonho era estar em atuação e fazer a diferença e queria absorver todas as experiências possíveis para poder usar de referência quando precisasse. Sua inexperiência era algo que a incomodava e que queria se livrar de uma vez.

— Bom dia a todos, sou Aurélio, agente temporal e fui convidado para falar sobre marcos temporais fixos com vocês, então vamos começar, pois não temos tempo a perder. — A platéia riu da piada clichê, e Célia sentiu o estômago revirar.

Aurélio.

O nome não lhe era familiar, mas carregava em si um universo de possibilidades.

Ele falou sobre sua experiência em campo, sua paixão por marcos fixos fez os olhos de Célia brilharem, e foi o que a motivou a ficar para trás depois de todos os aplausos.

— Eu nunca escutei alguém falar sobre marcos fixos dessa forma — ela disse

quando chegou sua vez na fila para cumprimentar o palestrante.

— Realmente, não é um tópico popular. — Ele riu com facilidade e algo em sua presença lhe deixava confortável. — Fico feliz que tenha se interessado...

— Célia — ela ofereceu, aliviada por não ter sido a única a não ter registrado o nome. — Me chamo Célia.

— É claro. — Ele pareceu engolir seco, talvez desconforto? Talvez Célia tivesse entendido errado as trocas de olhares? Havia uma diferença clara de idade entre eles, mas ela não se incomodava com isso. Na verdade, agora que o observava mais de perto, tinha certeza absoluta que não se incomodava *nem um pouco* mesmo com isso. — Você gostaria de tomar um café? Talvez discutir mais sobre o assunto?

Ela lhe abriu um sorriso.

— Eu adoraria.

Algum momento, depois do fim

Sairv, seção 42

Aurélio nunca achou que seria fácil vê-la ir embora. Nunca tinha sido antes, e tinha sido besteira sua acreditar que só porque ele tinha tido tempo de se preparar que talvez fosse doer menos.

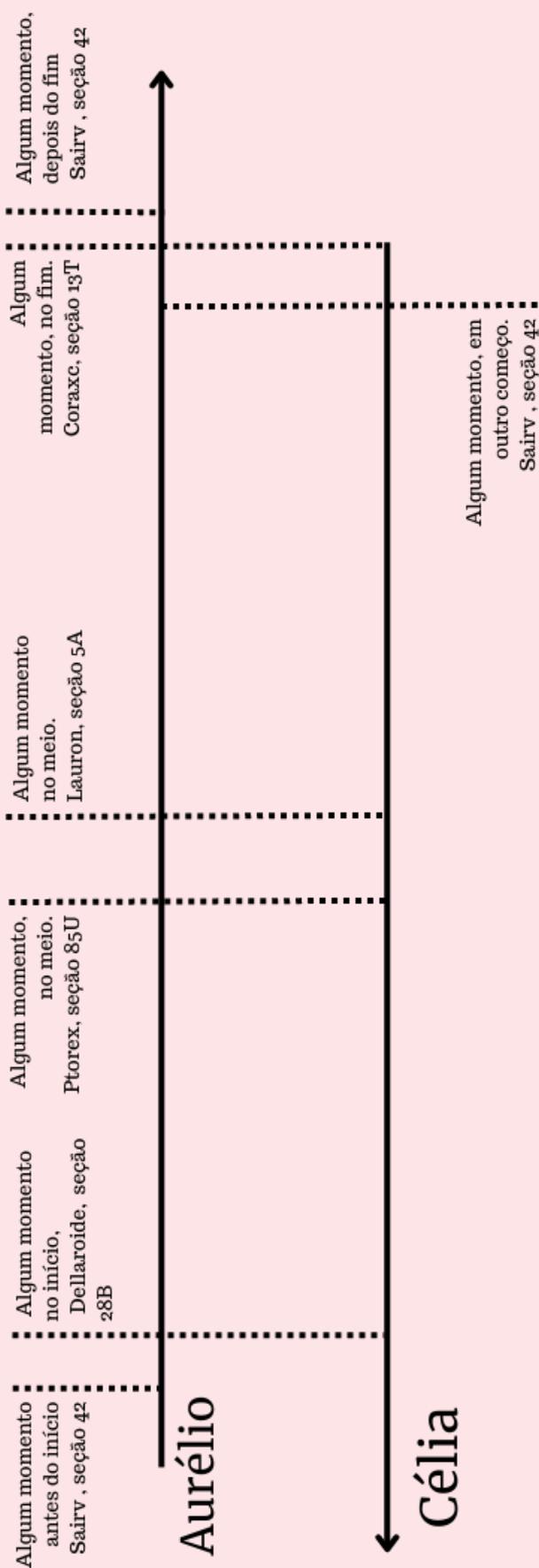
O último beijo havia sido singelo, depois de uma noite em claro, várias xícaras de café, e uma conversa sem fim que ele sabia que nunca seria capaz de esquecer. Célia tinha gosto do chocolate que havia comprado na banca de jornal logo que o sol nasceu, e Aurélio quis segurá-la um instante a mais, quis lhe dizer tudo o que carregava no envelope em seu bolso e talvez obrigar o universo a criar um marco temporal no formato do amor deles, para que não precisasse acabar.

Em vez disso, sorriu uma última vez.

Célia era inteligente, e não fez perguntas quando ele colocou o envelope

em suas mãos. A inscrição era uma repetição da dela, “leia quando eu não souber seu nome”, queimava em tinta preta contra o papel branco, e ele sabia — afinal, ela tinha escrito sobre isso em sua carta — que no momento certo suas palavras a ajudariam da mesma forma como as dela o ajudaram.

Um brilho de entendimento passou pelos olhos castanhos e, com o coração partido, Aurélio percebeu que estava na hora da história deles começar, de novo.



Saudade

AUTORIA TATIANE LUCHEIS

EDIÇÃO LUÍSA SCHEID

REVISÃO THAIS ROCHA



Tati é uma geminiana que mora em São Paulo, mas foge para a natureza sempre que pode! É formada em Psicologia e trabalha com Escrita e Produção de Conteúdo. Como boa amante da literatura, é escritora, mas, antes de tudo, uma grande leitora – do tipo que não sai de casa sem ter ao menos um livro em sua companhia. Possui um blog, contos publicados em antologias, e também dá seus pitacos criativos na LAB Conteúdos.

Estava aqui pensando e me lembrei de você. Na verdade, estava olhando para o teto e então pensei em você, porque lembrei de todas aquelas tardes em que brincamos de não fazer nada juntos. Poucos compromissos, nenhuma preocupação e absolutamente nada entre nós.

Eu não vou ficar enrolando e já vou dizer de uma vez que estou escrevendo — mesmo que eu nunca vá te enviar essa carta — porque sinto saudade. É, falei mesmo, você sabe que eu não sou de dar voltas.

Antes, você era aquele que sabia de todos os meus pensamentos, alguém que conseguia me decifrar apenas por um olhar. Sempre soube me ler e me entender melhor do que eu mesma jamais fui capaz. E eu me acostumei a ter você assim: sempre por perto.

Mas isso já faz tanto tempo... No dia em que eu finalmente reuni coragem pra te contar tudo o que eu sentia, você foi embora. Eu me preparei tanto! Imaginei tantas direções que essa conversa poderia tomar, tentei calcular cada palavra, prever cada reação. Ainda assim, consegui estragar tudo entre nós. E eu sei que você tentou ser gentil ao dizer que não sentia o mesmo, deixando claro que eu havia interpretado mal todos os sinais. Só amigos, é o que nós sempre seríamos.

Achei que eu teria dificuldades para lidar com a vergonha de ter me exposto tanto, mas, surpreendentemente, foi você quem não aguentou o clima entre nós e se afastou. Eu não tive escolha a não ser aprender a ficar distante.

Senti sua falta lentamente, um pouco a cada dia.

Aqui nesse meu monólogo, o teto me perguntou se hoje eu faria diferente, e mesmo depois de tantos anos não sou capaz de responder a essa dúvida que me assombra, porque eu não podia mudar o que sentia.

Mas queria que nós tivéssemos lidado com isso juntos. Do jeito que as coi-

sas aconteceram, nós dois saímos perdendo: você perdeu sua melhor amiga, e eu perdi um amor que nunca foi meu.

Muitas vezes me pego pensando sobre o que sentíamos ou achávamos sentir naquela época, quando éramos apenas dois adolescentes descobrindo o mundo. Eu ainda tinha tanta coisa para te contar, e nós podíamos ter vivido tantas histórias juntos.

Gostaria de ter vivido mais tempo a seu lado, mas tudo aconteceu depressa: de um dia para o outro você não me respondeu mais, deixou um buraco no meu peito e nas minhas tardes. Nossa conversa ainda está salva em algum lugar, nas profundezas do meu celular.

Eu sei que nunca mais voltaremos a ser o que já fomos um dia. Eu mudei, e sei que você também — e não dá para ignorar o vazio entre nós. Às vezes me culpo pelos meus sentimentos, mas na maior parte do tempo te culpo pelos seus.

Têm dias, como hoje, que eu me lembro de nós dois e só queria poder saber como você está, e também se você se pergunta sobre mim. Espero que sim.



Apoie a revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 revistamacadoamor.com

 [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)

Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari
Camila Paixão
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis
Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes

Autores selecionados

Coral Daia
Felipe L. Cavalcante
Ligia Gomes
Marcia Pflieger

Autores convidados

Meg Mendes

Apoiadores

Ariane Barreto Haagsma
Bárbara de Lima Morais
Elizabeth Fortunatti Albregard
Érulos Ferrari Filho
Igor Canko Minotto
Nicole Alcântara Botelho
Willian Miyasaka

Antigos Apoiadores

Benjamin Franco
Camila Cristina Crosnag Fracalossi
Daniele Ferreira
Diego Toledo
Lucas Eiji Kong Fukue
Velani Salim Diz